

MANIFESTO DA CNB/PMB

Em defesa do Brasil, em defesa do PT, em defesa de Lula...

1. Ao iniciarmos o processo de discussão do VI Congresso do Partido dos Trabalhadores, a CNB/PMB manifesta ao coletivo partidário sua determinação em defender nossa história de lutas, defender nosso legado de realizações, enfrentar o golpe de 2016 e a ofensiva conservadora, e avançar na elaboração estratégica para vencer os desafios do próximo período.
2. O PT conquistou grandeza histórica e destacado protagonismo na luta de emancipação dos trabalhadores e trabalhadoras do nosso país, tornando-nos referência em toda a América Latina e no mundo. Por tudo isso, temos a responsabilidade de, junto com os movimentos sociais, analisar o momento com coragem, vontade política e dedicação militante.
3. Concluímos 13 anos de governo fazendo grandes mudanças na realidade social, econômica, cultural, educacional e tecnológica do país, com o PT à frente desse processo de mudanças, conquistado através do voto popular em 4 eleições presidenciais.
4. O golpe parlamentar-jurídico-midiático, além de ferir profundamente a democracia, foi dado com o objetivo de implementar o programa derrotado nas eleições de 2014. Interrompeu um ciclo virtuoso de conquistas que tirou o país do Mapa da Fome, incluiu milhões de famílias nas relações econômicas e sociais, diminuiu as desigualdades regionais, aprofundou a democratização do Estado e da sociedade brasileira, recuperou o papel do estado como indutor do crescimento e da distribuição de rendas.

5. Ciclo que também colocou o Brasil na mesa das decisões mundiais e nos fóruns internacionais, mudando a correlação de forças política, diplomática e econômica no continente, a partir do programa democrático-popular e antineoliberal, inspirado pelos ideais de um socialismo democrático.
6. Criamos uma nova agenda de políticas públicas de caráter emancipatório articulando classe, raça, gênero e questões identitárias. Essa foi a experiência de milhões de pessoas, que merece ser ampla e profundamente analisada no processo VI Congresso.
7. Milhares de pessoas têm ido às ruas. Primeiro em defesa da democracia e contra o golpe que tirou Dilma do governo, agora em defesa das liberdades e dos direitos. Mesmo com críticas ao nosso governo, diferentes movimentos reconhecem o caminho aberto por Lula que fez do Brasil um país menos desigual, em direção a um futuro ainda melhor.
8. Inspirados e comprometidos com nosso legado e com a energia que brotou dessas lutas, movidos pela necessidade de aprofundar o projeto que iniciamos, devemos repensar nosso caminho, fazer um balanço sincero, atualizar nosso programa, transformar nossas práticas e revigorar nosso partido.
9. Ser capaz de formular uma nova estratégia e um novo programa para o país, à luz do novo cenário mundial, que desperte novamente a esperança do povo. Ser capaz de impulsionar os caminhos do crescimento econômico, da distribuição de renda, da inclusão social, da reforma política, da reforma do Estado, da democratização das comunicações, da reforma tributária, da reforma agrária, da reforma urbana, da soberania nacional com integração regional.
10. Trata-se de, dessa maneira, fazer frente à política de terra arrasada, de destruição de conquistas e de entrega da riqueza nacional que

serão o legado principal do governo golpista. A atual crise político-institucional devido à incapacidade e à ilegitimidade do atual bloco que tomou por golpe o país, assim como o avanço dos sinais de intolerância, ódio e repulsa à política, só reforçam a importância do fortalecimento de um partido com a experiência histórica do PT.

11. São tarefas que exigem uma nova estrutura partidária, novos mecanismos de participação dos filiados e simpatizantes, novas formas de controle interno, novo modelo de financiamento, democratização do funcionamento, nova política de comunicação e novo padrão de relação do partido com os mandatos. Mais democracia e mais participação para fortalecer o PT como um partido de massas.
12. Propor com ousadia um novo modelo de funcionamento de nossas instâncias que dê conta do imenso desejo de participação política demonstrado por todos os movimentos que, país a fora, organizam as mulheres, os negros e negras, os povos indígenas, a população LGBTQI+, os ativistas das redes sociais, os movimentos ambientais, de moradia, transporte, saúde, educação, trabalhadores da cidade e do campo, sobretudo pelas juventudes, que lutam por defender e aperfeiçoar o PT.
13. Nos colocamos de forma aberta, firme e vigorosa esse imprescindível desafio para que, como um partido de massas, ao lado dos movimentos sociais, estejamos à altura de defender as conquistas e os direitos da maioria de nosso povo e retomar um programa voltado à realização da justiça social e do fortalecimento da democracia.

O VI Congresso do PT deve ser um momento especial de aprofundamento desse debate estratégico. Para além de nossas divergências internas,

trata-se de fortalecer, a partir da mais ampla unidade partidária, a unidade das esquerdas e das forças populares visando ampliar a oposição ao programa neoliberal do Golpismo, em defesa dos direitos dos trabalhadores e do projeto democrático-popular. Avançar na elaboração estratégica com o objetivo de construção de uma nação justa e soberana, movida pelos princípios e valores de um socialismo democrático nos planos econômico, ambiental, social, cultural e político, envolvendo a participação da sociedade, especialmente dos trabalhadores e setores populares.

VI Congresso: um congresso para renovar esperanças e atualizar estratégias!

O PT E A CONJUNTURA INTERNACIONAL

Após a queda do muro de Berlim e a consolidação do capitalismo enquanto modelo econômico de Estado, verificamos a estruturação, sobretudo no ocidente, da Democracia como regime político e valor absoluto dentro dos estados.

5

Foi pela via democrática que acompanhamos no início dos anos 2000 partidos populares, democráticos e de esquerda assumirem a maioria dos governos na América Latina.

O que presenciamos agora, é um grande refluxo da esquerda e a retomada do conservadorismo mundial, seja no leste europeu com o crescimento eleitoral de partidos neonazistas, na Europa ocidental, tendo como exemplo a retirada da Grã-Bretanha da União Europeia com forte apelo xenofóbico, contra imigrantes; e o fortalecimento de Marine Le Pen, na França.

Na América, presenciamos um fato que muitos consideravam pouco provável: a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos da América, sujeito conservador, preconceituoso, que em muitas oportunidades atacou as minorias existentes.

Todo esse movimento teve impacto no Brasil. A esquerda sofreu um grande revés político, que se iniciou com o golpe da presidenta Dilma Rousseff e se concretizou com as eleições municipais de 2016.

O PT E A CONJUNTURA NACIONAL

Com a vitória do presidente Lula em 2002, vivemos nos últimos 14 anos ganhos inéditos na história do Brasil. Garantimos conquistas sociais, civis, de raça, étnicas. A transformação vivida pelo nosso país é inquestionável em todas as áreas, resultando em que todos e todas mudaram de vida, e este é um legado que temos que defender intransigentemente. Na área da Educação, dobramos o número de universidades, triplicamos o de escolas técnicas, criamos o FUNDEB, e inúmeros outros programas além do SISU que deu mais oportunidades e opções para os estudantes, democratizando o acesso à universidade, programas como PROJOVEN, garantia de acesso a creches, além da revolução provocada pelo PROUNI, permitindo que milhões de estudantes tivessem acesso à universidade de forma gratuita. Na área da saúde com a construção de mais de 1200 UPAS, ampliação do SAMU além do Programa Mais Médicos que levou mais de 16.000 mil médicos para os rincões do país e periferias das cidades onde não havia médicos. Na economia tiramos 36 milhões de pessoas da linha da miséria, aumentamos nossas exportações de U\$60 bilhões para U\$ 280 bilhões, passamos da 14ª economia do mundo para a 6ª, e chegamos no auge da crise internacional a atingir o pleno emprego.

Saímos do Mapa Mundial da Fome, reconhecido pela ONU, devido a programas sociais como o Bolsa Família, o qual além de trazer impactos sociais, movimentou a economia do país e dos municípios mais pobres. Garantimos os Direitos da Empregada Doméstica, com garantias de jornada de trabalho e direitos sociais. A conquista da casa própria para famílias carentes se tornou possível com o “Minha Casa Minha Vida” e possibilitou que mais de 4 milhões de famílias adquirissem a moradia. Milhões de brasileiros foram pela primeira vez a um aeroporto e puderam viajar de avião. A criação da Comissão da Verdade, o reconhecimento das

Comunidades Quilombolas, a relação com a África resgatou uma dívida do país com as injustiças praticadas ao longo de séculos. Respeito as etnias, a diversidade, população em situação de rua, gênero, através de iniciativas institucionais e programas apontaram a clara opção dos governos do PT para com a população mais vulnerável e contra qualquer tipo de discriminação. Avanços na área de Tecnologia, Agricultura, Energia, Infraestrutura e a descoberta do Pré-Sal que pode impulsionar o desenvolvimento do país, a pesquisa e a educação.

Em síntese, implementamos um programa revolucionário, comprometido com a classe trabalhadora e com aqueles que mais precisam da presença do Estado. É este legado que está sob risco neste momento, em razão da consolidação do golpe.

A partir de junho de 2013, as manifestações que aconteceram nas capitais foram distorcidas pela mídia quanto aos seus objetivos originais, e começou aí a construir uma narrativa do golpe, com a mídia nacionalizando as manifestações, puxando bandeiras e palavras de ordem contra o governo federal, que encontrou além da elite brasileira, numa parcela da classe média conservadora, incomodada com a ascensão dos mais pobres, a base social para o golpe. O golpe foi não só contra o governo, mas contra as conquistas da classe trabalhadora.

Com o golpe na presidenta Dilma Rousseff e as eleições municipais, uma nova configuração de forças se mostrou presente e com potência para avançar: a negação da política e a organização da direita.

A negação da política, de modo geral, revela-se como uma estratégia da direita, pois, toda vez que aqueles que mais precisam da política para

transformarem suas vidas abrem mão dela, a direita se apresenta, com discurso atualizado e com a proposta de salvação para os rumos da política.

A crise política afeta, sobretudo aqueles que mais precisam de direitos básicos. A consequência da descrença na prática política por setores marginalizados é a perda de espaço e voz do campo progressista.

Nas eleições de 2016, o PT não perdeu espaço para outros partidos de esquerda. Nós perdemos espaço para a negação da política, a partir do momento em que a periferia deixou de votar, votou em branco ou nulo, e perdemos espaço para a direita, a partir do momento em que candidatos apresentados pela direita venceram as eleições.

MOMENTO DE RENOVAR PARA AVANÇAR

Após sucessivas vitórias importantes, que garantiram direitos historicamente retirados do povo trabalhador, é importante que o conjunto do PT assimile o revés político que sofreu em 2016 e o que isso representa para a classe trabalhadora e a população mais pobre do nosso País. Retomar o projeto de transformações liderado pelo Partido dos Trabalhadores, em nível federal, nos anos 2000, passa necessariamente pela retomada do diálogo e da capilaridade na sociedade, o que nos implica em um novo modelo de organização que incorpore as novas agendas políticas e de organização. Sendo assim, é preciso essencialmente:

- 1) Realizar uma sincera autocrítica;
- 2) Produzir uma profunda renovação, não somente de quadros, mas de postura, de compromissos e atitudes; e produzir e atuar na defesa intransigente do legado do PT no País.

A autocrítica aqui apresentada deve se direcionar aquelas práticas que não possuem raiz na história da construção partidária. Para dar sinais de mudança é preciso, internamente, alterar práticas, adotar a transparência como eixo condutor da estrutura partidária e, assim, seguir lutando ao lado do povo brasileiro. Uma parte da sociedade brasileira optou por não comparecer às urnas no processo eleitoral de 2016. Consideramos que parte significativa deste eleitorado reconhece o que o PT representa para o País, entretanto, muitas vezes inflada pela grande imprensa, está descontente com o nosso projeto ou não se sentiu contemplado pela agenda proposta pelo PT neste período mais recente. Com ações ousadas e corajosas, é nossa tarefa reconquistar essa parcela de descontentes.

No momento em que vivemos uma crise política, nossa prática deve ser a de retomar o projeto de reforma política do PT, incorporando novos elementos que ampliem o diálogo com os anseios da sociedade e que permitam que a política seja mais democrática, participativa, representativa e transparente.

O programa petista teve seu início na década de 80. De lá até os dias de hoje muitas foram as transformações da sociedade, muitas das quais, proporcionadas pela atuação do PT. Agora é preciso atualizar nosso programa e renovar nossas atitudes, posturas e ações. Depois de assumir inúmeros governos e impor um novo paradigma de sociedade, a nossa prioridade deve ser o diálogo com a população, além da construção de novas práticas de atuação partidária.

Caberá a nós, petistas, fomentarmos discussões sobre o nosso legado com a sociedade, comparando o que representam as experiências de governo do PT, não apenas para o Brasil, mas para a América Latina – e com alguma demasia, para a Esquerda Mundial. E esta reflexão não deve prescindir de apontar os retrocessos que ocorrem neste momento.

O PT E OS DESAFIOS PROGRAMÁTICOS E ORGANIZACIONAIS

A partir do Governo Lula, geramos uma inclusão social única na história do Brasil. Milhares de pessoas tornaram-se sujeitos a partir de programas sociais que atingiram a Educação, Saúde, Esporte, Lazer, Cultura.

11

Ocorre que a garantia de renda e créditos, fomentando o mercado interno, não foi suficiente para consolidar nosso projeto de País na estrutura do Estado brasileiro, e nem nos garantiu uma hegemonia longínqua.

A retomada de um projeto de nação para o Brasil não deve prescindir da inclusão social promovida pela ampliação do consumo e da garantia de renda e acesso ao crédito como elementos norteadores, mas deve ir além.

É preciso pensar, por exemplo, nas questões relacionadas ao meio ambiente, as diversidades de gênero, o combate a todas as formas de opressão (racismo, machismo, homofobia, por exemplo), a solidariedade aos imigrantes. Precisamos garantir para a população, sobretudo para a classe trabalhadora e os menos favorecidos, além de um capital financeiro e social, um capital cultural e político. Além de um Projeto econômico para o País, buscando saídas para a crise econômica na qual nos encontramos, é importante que no programa do PT para a sociedade radicalizemos na defesa das reformas estruturantes necessárias – política, tributária, da mídia – bem como radicalizar na defesa dos direitos sociais e incorporar a essa nova agenda da sociedade, os setores progressistas.

É necessário que tais bandeiras levantadas pela sociedade tenham eco dentro do PT, como um espaço de construção coletiva, de formulação e apresentação de propostas.

Incorporar estas bandeiras é pilar indispensável para pensar uma nova organização partidária, que possibilite mais interação e troca de experiências.

12

O PT sempre foi um partido que inovou, a começar pela sua criação que incorporou milhares de trabalhadores que não participavam da política partidária. Inovou quando criou os Núcleos de Base, os Setoriais, o Processo de Eleições Diretas (PED) e, mais recentemente, a Paridade de Gênero e as Cotas Étnicas e Geracionais na composição de suas direções. Esse Partido que sempre inovou deve continuar reinventando as formas de fazer política, agora para além do diálogo interno e da democracia interna, que precisa ser sempre intensificado, mas o tempo agora é de radicalizar o necessário diálogo com a sociedade.

É com essa percepção que devemos recuperar e revigorar nossas instâncias partidárias. Os Diretórios do PT não podem resumir-se a meras instâncias formais de legalidade ou de disputa de poder, mas precisam atuar de modo a canalizar a participação da sociedade, oxigenar as demais direções e fazer a disputa política no território.

Outro aspecto da nossa organização que temos que discutir de forma serena, mas muito sincera, é a relação dos mandatos legislativos na construção cotidiana do partido: se por um lado é verdade que muitos mandatos se tornaram maiores do que as direções partidárias, muitas vezes hegemonizando as instâncias partidárias, também é verdade que os

mandatos exercem um papel fundamental para além da luta institucional, mas na organização partidária e na relação com a sociedade. O que a instância partidária não pode é abrir mão da busca pelo equilíbrio nesta relação, para que as direções não sejam prisioneiras dos mandatos, mas que possamos valorizar esse espaço de construção do PT e da política.

Necessitamos pensar numa interação entre os mandatos e o partido que sejam mais horizontais, propiciando a troca de opiniões e impressões, para que não exista um vácuo entre as posições tomadas pelas bancadas petistas e a militância.

Para que esta relação se concretize, o PT deve promover diálogos com os movimentos sociais. Empoderar mulheres, jovens, negros, sindicalistas deve ser algo pensado como um processo de construção permanente, resultado do fomento (político e material) aos companheiros e companheiras dispostos a representar o PT nas disputas da sociedade.

É necessário intensificar os espaços de diálogo como prática cotidiana, inclusive em relação aos setores que possuem semelhança com nosso programa, mas que não estão necessariamente ligados ao partido. O PT deve interagir com diferentes setores sociais – coletivos, entidades e movimentos – que podem e querem contribuir com um programa de esquerda e que resistem a retiradas de direitos, mas que pela sua característica de organização ou por definição não querem participar da vida orgânica do partido.

Assim, apresentamos como proposta que o Diretório Municipal articule com o Fórum Permanente dos Movimentos Sociais diálogos com setores progressistas (lideranças, intelectuais, sindicatos, universidades), mas que

não estejam necessariamente ligados ao PT. O objetivo deste espaço é ser uma oportunidade de consulta, de oxigenação, formulação coletiva e elaboração de ações conjuntas e articuladas para a disputa de hegemonia na sociedade.

Isto exige não só disposição ao diálogo, mas também novas formas de consulta, criação de fóruns mais amplos e a incorporação de novas tecnologias de consulta e de informação. Outra proposta que apresentamos é a utilização da Rede PT como forma de consulta aos filiados sobre temas de relevante comoção social e que demandem a ampliação do debate em um tempo relativamente curto.

O PT precisa repensar a sua relação com a juventude, principalmente neste momento em que ela será a mais vitimada pela perda dos direitos, mas, sobretudo, porque aí reside uma das possibilidades de uma renovação estrutural do partido, com o surgimento de novos quadros e de novas práticas de inserção social. Para isso é importante também que a JPT-municipal fortaleça a sua relação com as diferentes juventudes, incorporando os vários coletivos e “causas” que estão na agenda desta conjuntura.

O financiamento da política e das instâncias partidárias deve ser amplamente discutidas com militância do PT, para buscarmos além do Fundo Partidário, solidariedade e compromisso coletivo, sem a ilusão de que todas as atividades serão financiadas pelos filiados, mas também sem o medo de propor, para alguns projetos específicos, o autofinanciamento e o financiamento solidário, envolvendo setores interessados a exemplo do que já existe na sociedade. Ao mesmo tempo, a prestação de contas do partido deve ser transparente e acessível para qualquer filiado, realizada de maneira periódica e com o princípio da publicidade como elemento central.

O nosso desafio, neste momento, é promover o debate o mais amplo possível, sem restrições, sem medo e incorporando diversos atores sociais, para que possamos chegar numa agenda e numa forma de organização que mantenha o PT como um dos principais instrumentos de luta da classe trabalhadora.

O PT não deve se propor a ser um fim em si. Devemos batalhar para continuar sendo um instrumento, que se articula com o campo progressista, que incorpora e oferece resposta às demandas colocadas na sociedade e que, conseqüentemente, transforma a vida das pessoas, em especial, aquelas que mais precisam. O PED 2017 o VI Congresso não serão o fim destas reflexões, mas o começo de um processo de renovação política e de renovação dos compromissos históricos do PT com o Brasil.

O PT RUMO A UM NOVO PROJETO DEMOCRÁTICO E POPULAR

Ocupar as ruas, fortalecer a Frente Brasil Popular e transformar o partido pela base...

16

O Partido dos Trabalhadores está diante de uma das maiores crises da sua história que afeta a todos militantes, simpatizantes e especialmente nosso projeto, uma crise diante de um cenário reacionário de um golpe parlamentar, judiciário e midiático.

Perdemos militantes, parlamentares, prefeitos e em Ribeirão elegemos um parlamentar e fizemos dois suplentes, perdendo uma vaga no parlamento. Nossa cidade elegeu um dos símbolos do golpe, fiel aliado de Geraldo Alckmin (PSDB), Duarte Nogueira, do mesmo partido, que inicia o seu governo apresentando um plano de maldades que seria uma espécie de PEC tupiniquim com arrocho salarial, retirada de direitos e políticas públicas como o fim do passe livre anunciado recentemente, mas na contramão do discurso reacionário o próprio Prefeito não abriu mão do aumento de mais de 30% do seu salário aprovado ano passado e de seu secretariado.

Diante desse breve cenário apresentado, temos a convicção de ser necessário que o PT precisa e deve ser o protagonista na construção de um projeto alternativo a nossa cidade em conjunto com movimentos, entidades, sindicatos, estudantes, trabalhadores do campo e da cidade, juventude, negros e negras, LGBTTs, todos que gravitam em torno do espectro da Frente Brasil Popular, e para tal temos de forma urgente que construir essa agenda progressista com a devida mobilização de nossa

militância, tarefa essa que será imprescindível da nova direção que assumir o nosso diretório.

Sendo assim, o 6º Congresso do PT deve aprovar resoluções que permitam ao Partido, ao conjunto de sua militância, executar pelo menos cinco tarefas principais.

17

1- A primeira tarefa é reocupar as ruas, em nossa cidade tivemos uma das maiores manifestações pelo GOLPE reunindo mais de 30.000 pessoas nas ruas infladas pela mídia, entidades como MBL, Maçonaria, ACI e saudosistas do regime militar.

Precisamos fazer esse bom combate pela devida ocupação das ruas de nossa cidade. A próxima direção tem que ter esse compromisso não só na teoria, mas principalmente na prática como sendo tarefa da Direção e de todo militante petista apoiar, participar, mobilizar e ajudar a organizar as manifestações programadas contra o Golpe, pelas eleições diretas, contra a PEC municipal (tupiniquim) ou qualquer retrocesso realizado através do prefeito e sua política de recessão a serviço de poucos.

2- A segunda tarefa é potencializar a CUT como central aglutinadora de um projeto sindical classista e de luta para nossa cidade. Tivemos recentemente envolvido em escândalos o presidente do sindicato dos servidores municipais que já vinha demonstrando sinais de falta de legitimidade perante a categoria especificamente com os professores do município, devido à falta de diálogo, transparência e ações de embate ao executivo municipal.

Nosso Partido deve procurar as forças que se contrapõem a esse projeto da atual diretoria do sindicato e juntos construirmos uma chapa que de fato represente os interesses da classe trabalhadora

organizados na CUT, vale lembrar que há muito tempo esse sindicato esteve sob nossa direção e filiado a CUT.

- 3- A terceira tarefa é do fortalecimento da Frente Brasil Popular Macro Ribeirão e aglutinar ações conjuntas com o Fórum Permanente de Movimentos Populares além de integrar todos na Frente, construirmos um programa que deve incluir a revogação imediata das medidas de ajuste recessivo do prefeito Duarte Nogueira (PSDB); o combate à corrupção e transparência de fato com divulgação de todos os nomes contratados nas fundações, autarquias com os devidos salários; a ampliação das políticas públicas sem nenhum corte a direitos sociais; a democratização dos recursos publicitários oficiais e controle através de um conselho municipal de comunicação em nossa cidade.

A potencialização das ações da Frente Brasil Popular Macro Ribeirão é essencial para enfrentar o golpismo municipal e denunciar todos que votaram pela PEC 241, Reforma da Previdência e lutam para aprovar a Reforma Trabalhista que retira direitos. É necessário desmascarar em nossa cidade junto à população quem são os políticos que estão atrelados a esse projeto golpista de retirada de direitos como Duarte Nogueira (PSDB), Baleia Rossi (PMDB), incluindo os da assembleia Estadual como o deputado estadual Leo Oliveira (PMDB).

- 4- A quarta tarefa é pautar o projeto político popular em nossa cidade em contraponto a linha do governo tucana. É plenamente possível derrotar a direita em nossa cidade, mas se faz necessário uma estratégia para não nos dividirmos e assim alimentar a direita.

Temos que ocupar todos os espaços para dialogar sobre nosso projeto, especialmente na Câmara com nosso vereador, sendo esse

um espaço legítimo de diálogo com população e uma ferramenta a serviço de nosso projeto popular.

Por isto, o 6º Congresso do PT deve dizer ao governo: que os trabalhadores não devem pagar a conta do ajuste. Para isso, é importante que as forças democrático-populares se aglutinem em torno de nosso projeto assumindo assim o protagonismo na luta contra a direita, e furando o cerco mediático local através do fortalecimento de nossa rede de comunicação progressista;

- 5- A quinta tarefa é transformar o próprio PT. O Partido precisa estar à altura dos tempos em que vivemos, sendo necessária humildade em reconhecer a luta dos estudantes, juventude e suas formas de organização que se apresentam nesse momento histórico. Da direção até as bases é preciso realizar transformações e renovação profundas, por isso precisamos ter uma direção que contemple as frentes e organizações que estão na luta e nas bases, representadas pelos militantes atuantes dentro dos seus movimentos de luta como estudantes, sindicatos, juventude, negros e negras, mulheres, LGBTT, trabalhadores e trabalhadoras.

A executiva muito mais que um espaço de disputa de forças internas precisa reconhecer e estrategicamente ser formada por quem de fato está na luta, nas ruas, que assume esse projeto não só na teoria. O próximo presidente vai ter o papel de contribuir na execução desse projeto e se colocar como articulador para que todos possam se sentir representados, ser o porta voz que possibilite de forma legítima o diálogo com a sociedade de forma renovada sem os vícios da velha política que tanto condenamos; que novas oportunidades sejam concedidas a todos que querem somar nesse projeto especialmente em nossa câmara que hoje temos um vereador eleito

e dois suplentes que podem utilizar aquele espaço potencializando nossa luta junto à população de Ribeirão Preto.

O PT NAS BASES

Nas capitais dos estados com mais de 500.000 (quinhentos mil) eleitores e nos municípios com mais de 1.000.000 (um milhão) de eleitores é obrigatória a organização de diretórios zonais. Em Ribeirão Preto, a maior dificuldade para concentrarmos quantidade suficiente de companheiros e companheiras tem sido a distância, uma das alternativas para facilitarmos a construção do partido poderia ser, mesmo não obrigatório, a constituição dos diretórios zonais, onde, cada região da cidade; Zona Norte, Zona Leste, Zona Sul, Zona Oeste, teria suas atividades políticas interagindo com o Diretório Central.

Compreendemos que não será a quantidade de sedes zonais que fará o PT retomar sua condição de referência para sociedade, mas principalmente suas lutas nas periferias.

Mas, em muitos momentos as nossas práticas internas, muitas vezes movidas pela disputa e o resultado eleitoral, nos distanciaram de nosso eleitorado. Desaprendemos a ouvir os fiadores do projeto de transformação do Partido dos Trabalhadores.

Então como atender ao clamor de todas forças do nosso partido, que no momento mais difícil dos 37 anos de sua vida, dizem “o PT deve voltar para suas bases”?.

Não será com duas dezenas de dirigentes e uma dezena na executiva reunindo-se uma vez por mês, por mais louvável que sejam os esforços de nossos companheiros e companheiras que estão na luta, que retomaremos

a relação com nossa base histórica. É necessário inovar, dialogar e se antecipar a questão estatutária, para incorporar uma atuação descentralizada na cidade.

Neste mesmo sentido, faz-se necessário incorporar nesta nova estrutura as lideranças de bairros que possuem grande potencial de promover a interação entre a estrutura municipal e a organização territorial.

Entendemos que esta reconfiguração deve ser realizada logo após o 6º Congresso Nacional do PT, e que também terá o papel de planejar e organizar as tarefas da próxima gestão do Diretório Municipal.

CONSTRUINDO UM NOVO BRASIL – CNB ARTICULAÇÃO

Ribeirão Preto, março de 2017